

AS QUESTÕES RACIAIS E A ESCRAVIDÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA VISÃO DE GILBERTO FREYRE E FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Heber Silva Maia^{*}

Cíntia Nolácio de Almeida^{**}

Lúcia Gracia Ferreira^{***}

Resumo: *Esse artigo trata de uma breve reflexão sobre a escravidão no Brasil e a questão do racismo nas visões de dois estudiosos brasileiros: Gilberto Freyre e Fernando Henrique Cardoso. São dois estudiosos do século XX, referente a primeira e a terceira geração dos estudos referentes ao racismo no Brasil.*

Palavras-chave: *racismo; preconceito; negro.*

A questão racial no Brasil, sobretudo nas últimas décadas, têm recebido atenção muito grande por parte de vários cientistas, principalmente, os cientistas sociais. Os problemas imbricados nas relações raciais levam a reflexão das conseqüências das teorias racistas oriundos do século XIX (sob as quais o racismo e seus subprodutos se sustentam até os dias atuais) fato que levou diferentes teóricos, em diferentes épocas, adotarem posturas ideológicas e teóricas concernentes o assunto supracitado. Posturas essas, muitas vezes, divergentes, perpassando por uma análise da escravidão e da presença intensa no sentido quantitativo dos negros e da mestiçagem como responsáveis por um suposto atraso do desenvolvimento do país, como as teorias de Nina Rodrigues, Silvio Romero dentre outros (SCHWARCZ, 2004). Esses estudos revelaram o Brasil como um país onde não há racismo, mas sim, uma “democracia racial”, principalmente a partir da década de 1930, num estudo realizado por Gilberto Freyre, num momento em que se buscava uma identidade nacional, no qual, o autor analisou a mestiçagem – menos biológica e mais cultural - como uma solução para os problemas brasileiros; e,

^{*} Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual de Santa Cruz. heber_comh@hotmail.com.

^{**} Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia/Salvador. Professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia. [cynthianolacio@yahoo.com.br](mailto:cinthianolacio@yahoo.com.br).

^{***} Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. luciagferreira@hotmail.com.

ainda, os estudos feitos a partir da década de 1950, patrocinados, sobretudo, pela UNESCO.

Corroborando Guimarães (1999), tais estudos se dividiram basicamente da seguinte forma: a) os estudos realizados, principalmente, por Gilberto Freyre, Donald Pierson e Roger Bastide, que fazem parte da primeira geração, foram realizados na Bahia, Recife e Pernambuco e conservaram as conclusões de Freyre de que o preconceito racial no Brasil é fraco ou inexistente; b) os de Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, Oracy Nogueira e Guimarães Ramos, da segunda geração, para os quais, havia tensas relações raciais no país, onde o preconceito é forte, mas negado, foram feitos, em São Paulo, Rio de Janeiro e Sul do Brasil; c) e os de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Iani, da terceira geração, para os quais, havia preconceito no país e uma diferença entre o Norte e o Sul do Brasil ou em áreas tradicionais e modernas do mesmo.

O texto de Freyre “O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro” está inserido na obra *Casa Grande e senzala*. *Casa-grande e senzala* foi escrito na década de 30, período em que o país passava por um momento de industrialização, acrescentando a isso um nacionalismo que vigorava com o governo de Getúlio Vargas e no qual as idéias de eugenia não condiziam. O Brasil necessitava de uma nova roupagem para se tornar “moderno” e construir uma identidade enquanto nação o que gerou uma permuta – dentro deste modelo econômico – no perfil do negro e do mestiço que antes eram estereotipados como malandros ou preguiçosos e precisavam ser agregados enquanto trabalhadores e prestativos. A obra de Freyre é emblemática nesse sentido porque traz as contribuições dos negros para o desenvolvimento no Brasil e uma idéia de maleabilidade nas relações entre escravos e senhores (SCHWARCZ, 2001).

Já o texto de Fernando Henrique Cardoso, na obra *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* de 1962, está inserido nas discussões da terceira geração, revelando uma importância crescente do racismo. A obra foi escrita numa época em que o Brasil vivia um tempo de inquietação política e intelectual, onde havia o interesse por classes marginais e minorias oprimidas, aliada a isso procedia a grande excitação causada por uma nova corrente ideológica vinda dos EUA encabeçada por David Davis e Charles Wagley questionando as idéias Tannebaum e por consequência também as de Freyre. Isso tudo contribuiu para a mudança da historiografia da escravidão no país, que outrora

tinha a obra de Freyre como a única verdade, não havendo até então nenhum dissenso historiográfico por pelo menos duas gerações de estudiosos (FREITAS, 2001).

No capítulo mencionado da obra de Freyre, alguns pontos merecem destaque: ele, sob a ótica dos estudos culturalistas e centrado na hibridação, fala da extrema violência nas relações entre brancos e negros produzidas pelo sistema escravocrata, mas dá uma importância maior a confraternização entre as raças, ratificada pela miscigenação, que seria a marca peculiar da sociedade brasileira. Ele valoriza as contribuições do negro africano para a sociedade brasileira. Nele, o negro africano é valorizado no tocante ao desenvolvimento econômico (economia agrária) do Brasil, bem como do desenvolvimento cultural, trazendo a religião, a culinária, a beleza, a sexualidade, fatores, principalmente os últimos, que provocaram uma maior atração dos brancos pelos negros no que diz respeito às relações sexuais. O autor ainda revela as mulheres negras como sensuais, libertinas, o que, de certa forma, levou uma aproximação muito significativa nas relações sexuais entre os senhores e os escravos o que parece expressar, segundo ele, uma maior tolerância racial no país e um abrandamento nos rigores morais católicos, fazendo surgir um ambiente sensual sem muitos preconceitos, inclusive ao ponto da sífilis, doença sexualmente transmissível, ser tida como um fato socialmente aceito na cultura brasileira.

Freyre ainda ressaltou as habilidades dos negros concernentes à fundição do ferro e no trabalho da terra, chamando os negros de “extrovertidos”, rompendo assim com as ideologias racistas vigentes naquele momento histórico. Fala ainda do amolecimento da língua, fruto da fundição entre a língua da casa-grande e a da senzala. Trata também de assuntos relativos à higiene, medicina, adoção de nomes de famílias escravas do nome dos senhores. Enfim, Freyre aborda a grande hibridez da sociedade brasileira, possibilitada pela maleabilidade do português, pela moral católica, o que seria responsável pela ausência de discriminação racial. Para ele,

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas as Américas a que se construiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo da contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado (FREYRE, 1992, p.91).

Já Fernando Henrique Cardoso (1962) faz uma análise no seu texto dando ênfase ao distanciamento existente entre o senhor e o escravo, no qual segundo ele, não havia a possibilidade de amortecimento nas relações entre estes frente à sociedade patriarcalista brasileira, pois este amortecimento poderia ser considerado igualitarismo, o que possibilitava perda de prestígio social na época. Sobre a brutalidade existente entre senhores e escravos o autor encontra confirmação em inúmeros testemunhos e registros, deixando bem claro que a repressão era primordial para à manutenção do regime escravocrata até chegar o ponto de considerar a violência como um traço simplesmente normal, ou seja, a dominação senhorial e o trabalho escravo organizado só se mantinham através da coerção e a mesma legitimava-se diante do código moral cristão graças à racionalização permitida pela coisificação do escravo. Este processo de percepção social do escravo enquanto coisa numa sociedade que se auto-intitulava cristã foi peça fundamental para engrenagem econômica do Rio Grande do Sul, segundo o autor.

Numa sociedade que desenvolvia entre seus membros a violência e o arbítrio como elementos essenciais para a manutenção das posições de domínio, tal conseqüência só poderia significar, ao contrário do que estipula a ideologia da “democracia rural”, um tratamento para o escravo que, além de ser assimétrico, era brutal (CARDOSO, 1962, p.168).

Na verdade, ele analisa as conseqüências da escravidão e a situação dos negros no Brasil a partir duma análise da dinâmica da modernização e das mudanças políticas, econômicas e sociais, marcadas pela mentalidade mercantil e burguesa no país, principalmente nas regiões sudeste, centro-oeste e sul, a partir do final do século XIX até meados do século XX, ou seja, nele, ciência e política se confundem. Essas mudanças não foram acompanhadas por projetos que visavam a inserção dos negros na sociedade o que provocou a continuidade do sofrimento, da pauperização e do cerceamento desses sujeitos no que tange a efetivação da igualdade e democratização de direitos, mostrando os impactos da escravidão na constituição da sociedade brasileira. Assim, o processo de modernização capitalista ou o processo de transição da sociedade escravocrata para a sociedade de classes contribuiu para o ingresso dos negros na condição de proletários e na perpetuação de uma situação de miséria e de opressão

social dos mesmos, não gozando das condições sociais e culturais dignas do contexto pós-abolição.

Sob essa égide, os estudos de Cardoso põem em xeque a “democracia racial” no Brasil tão valorizada na obra de Freyre (embora ele não tenha se utilizado dessa terminologia) dando-a uma conotação de mito e relativizando o otimismo de Freyre no tocante as relações raciais. O mito da democracia racial havia sido adotado com muito entusiasmo na academia e no imaginário social, fato que acabava por servir aos interesses das elites dominantes que permanecia usufruindo com as desigualdades presentes na sociedade, ao passo que essas desigualdades eram minimizadas (ao menos no plano do imaginário) pela idéia da existência de cordialidade e abrandamento da escravatura no país. Aí reside uma das maiores importâncias da obra de Cardoso, desmistificar tal idéia e escancarar as precárias experiências de democracia política e social, mostrando que as desigualdades não são resultados apenas de questões de classe, mas, sobretudo, de questões raciais, visão bastante diferente de Freyre.

THE RACIAL SUBJECTS AND THE SLAVERY IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF GILBERTO FREYRE'S VISION AND FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Abstract: *That article treats of an abbreviation reflection on the slavery in Brazil and the subject of the racism in the two Brazilian specialists' visions: Gilberto Freyre and Fernando Henrique Cardoso. They are two studios of the century XX, regarding first and the third generation of the studies regarding the racism in Brazil.*

Key-words: *racism; prejudice; black.*

Referências Bibliográficas:

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul.** São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1962.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: contexto, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. Primeira edição, 1933.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antiracismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à universidade; Ed. 34, 1999.

SHWARCZ, Lília Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: contexto, 2001.

_____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

